

## “UM GÉRMENTO DE PUREZA NA FECUNDA AUTORIDADE DO DIA”

(Carta a Julio Llinás)

Poeta, eu te convoco para presenciar as formas do milagre. Ou o talento de harmonizar os espelhos do passado, do presente e do futuro? Tu e estas esculturas. Quem as fez? Sois “*um gérmen de pureza na fecunda autoridade do dia*”. Recordas-te de quando não te conhecia? Falava de ti como de um deus, cuja origem incerta enriquecia a sua lenda. Mas agora tenho de ter muito cuidado, pois o deus pode entrar na Internet e dar-me um abraço de madeiro incendiado por subtis gelosias, salpicadas de alvorecer e sal maduro, e fazer-me estalar, como um floco de neve no verão. Tu sabes também, porque o poeta está sempre no âmago da precisão, que o sal maduro é acobreado claro, como uma mancha cor de vinhedo sobre um monte de espuma recém-ceifada.

Sim, tinha-te procurado. E tu sabia-lo, porque te movias como um tigre nervoso que se deixa devorar pelas sombras! E sabe-o Anferal, mas tu não o conheces, porque querias estar retirado na província, para desenhar a ternura e o perfume dos amores de uma anã. Sabes melhor do que eu que *Panta Rhei* é um prodígio e que *A Ciência Natural* tem “Horizontes” impecáveis: “*Como uma barca de grande música, os horizontes felinos. / Ah, bestas vantajosas para um homem e a sua alma. / Deixai um gérmen de pureza na fecunda autoridade do dia, como esses pássaros que estremeçam no canto e tornam bela a morte*”.

Querias que te escrevesse! “... *Como esses pássaros que estremeçam no canto*”, são estas as esculturas que quero apresentar-te, na sua presença, na sua dimensão, que vai mais além da razão e da matéria. O escultor ataca o bloco, como quem quer descobrir um tesouro que se oculta no fundo dessa noite, mas, antes de chegar ao coração, depara com as margens, com os volumes em movimento, que vêm do que ele sabe e do que ele sente, do que ele pensa e do que ele procura, do que se move e gera movimento; encontra o coração antes de o ver, antes de lhe tocar.

Blocos de *calatorao* e de *alvis gris*, orientados pelo vento, que intersectam planos, que compõem; pela música, que harmoniza as tensões, por uma estrela, como presságia o mestre *Cruzeiro Seixas*. A *talha directa* é recuperada por *Brancusi*, mas amanhece no *Solutrense* e no *Magdalenense* como arte de representar, que logo se perde e volta a aparecer, numa alternância contínua,

que emerge em *Alcántara* como um copioso manancial de minerais enfeitados.

Uma *vénus* que termina numa folha imensa, numa forma corpórea de mercúrio e azeviche em que se revê, cavalos que espalham cintilações nascidas no princípio do século, que relinham e se empinam e estão vivos e cubistas e futuristas, para serem cavalgados pelos Cantos de *Ezra Pound*, potros majestosos que sabem ser portadores dos Cantos de *Pisa*; cavalos negros luminosos, com pescoços como torsos, com crinas como rosas-dos-ventos e silêncios de milhões de anos quando acabam de surgir. Com orelhas como trombetas vibrantes, que tornam brilhante o som do metal; cavalos que levam nos pescoços um pomar de músculos e de coxas, que se contorcem esperando pela égua pantera, que está ainda por nascer, bestas distantes, majestosas, para as rainhas de todas as primaveras.

*O guerreiro santo!* Imaginas-te, poeta, tu com uma única asa e o que conseguirias voar? Uma figura portentosa, no verso um monge, ensimesmado, preparado, avisador; no reverso um guerreiro, com o escudo, que defende, que desafia, que provoca uma ambição. Tudo num só, como uma metamorfose antes de se transformar, como o deus *Jano*, em que se resume todo um século de movimentos, todas as descobertas de um processo que mantém a escultura.

Da mesma maneira, cabeças pensantes, de guardiões e guerreiros, de estrelas e anjos, asteróides, onde a pedra se faz lírica sem perder um átomo de solidez. O *orador real*, esculturas com evidente unidade formal e conceptual, não arte conceptual, mas sim planos e estruturas geométricas, que ostentam uma precisão, uma pureza, uma subtileza de harpa e de violino.

Mestre aparecido! Tudo flui nesta serena, elegante, bela, pensada e fluída escultura que te apresento, hoje, em que a pedra se toma como sendo de outro tempo, sem pensar que é de todos os tempos, eterna, velha e nova, como o mar quando se deita e se levanta da terra, como a água que vai e vem, adocicada ou salobra, lágrima, lodo, libelinha transparente montada por um arco-íris adolescente mas já adestrado no amor.

A que chamamos nós escultura? *Barbara Hepworth* deixou dito: “*É difícil exprimir por palavras o significado das formas, porque é precisamente essa a emoção que só a escultura transmite*”. A escultura é a materialização,

o suporte do pensamento, não há escultura sem processo, sem pensamento, nem sequer arte. A escultura não admite meio-termo: ou há presença, ou há conteúdo objectivo, ou existe a dimensão nas formas do tempo, ou há elemento decorativo, horrendo ou belo, minimalista ou barroco. O significado das formas! Também na poesia, recordas estes versos? *“A manhã abre as suas portas transparentes / De cristal oceânico / ... E no seu cálice luminoso o meu pensamento toma forma / Selvagem como o pássaro que cai do teu olhar”*.

*Panta Rhe!* Tudo flui quando existe uma linguagem coerente, uma estrutura formal, que conduz a um paraíso, como nesta escultura, que é devir, que congrega estados, níveis e épocas distantes, como o poema enigmático de T. S. Eliot. A pedra fez-se assim nobre, estupenda e compacta por tanto esperar, sem nunca desesperar, porque sabe que o mistério que em si encerra um dia será descoberto por um poeta. Que palavra, que forma, que presença, que atitude não esperam ser um dia acariciadas pela mão de um príncipe do maravilhoso?

Só a partir da solidão se conhece o mundo, a partir da intimidade da comunhão amado/amante. Tudo o que é perfeito se identifica com a acção do poeta. Num poema de Gregory Corso “a uma estrela do beisebol”, Ted Williams escreve: *“Randall Jarrell diz que és um poeta”, gritei / “Também eu! Eu digo que és um poeta!”*. Também eu digo que Alcántara é um poeta, que cinzela poemas, que mostra isentos petroglifos, runas ou canções que ainda não foram configuradas, um poeta da pedra, que esculpe com a vocação do número e geometriza com paixão de pássaro, de águia que se eleva nas alturas para tudo ver e reflectir-se, como diz Pessoa que a lua faz quando se reflecte em todas as águas, charcos, prantos ou mares. Ou será Álvaro de Campos?

*Talha directa*, sem esboço com centenas de desenhos anteriores, sem outra ajuda que a dos limites ditados pelo pensamento; *talha directa, ao vivo*, numas peças que se integram na tradução mais apreciada da modernidade, pelo processo, pela concepção, pela execução, pelo resultado, pelo desprezo pela frivolidade, pelo nada, o artifício sem raiz.

Poucos são hoje os escultores, mestre da luz, que trabalham a pedra com o apuro técnico e o esplendor de Alcántara, um escultor alheio às modas, por fidelidade à raiz da modernidade, ao seu tempo, ao mais fresco, imaginativo e profundo presente; um asceta, retirado na leitura e no “atelier”, na casa de Heidegger, contigo, com Ceselli, com o comboio quase fluvial de Madariaga, com o piano sem cordas e o violino quebrado de Hölderlin e

de Fijman, que por vezes esculpe com os outros, com a voz de Dante feita segmentos de luz maciça, claridade sonora, ritmo de prestígio.

Felipe de Guevara apresentou-nos e eu agora apresento-te a Alcántara, Julio Llinás da glória? Lembras-te, poeta? Estas pedras negras, trespassadas da graça do exacto, recordam-te: *“Porque tudo persegue a sua primeira essência / Depois de cem mil anos de errónea fuga / Depois de vinte séculos de imunda decadência e de / Invenção mortífera / Depois de uma cultura escandalosa e turva / Que somente levou a impuras concepções / E a erros sistemáticos / A vida corre para a morte e a morte para a vida / Correm Deus e o demónio para o mesmo livro de Preconceitos / Ninguém se livra da vertigem espasmódica que a distância / Implica / E tudo corre e se desgasta em partículas eléctricas / Que giram sobre o eixo do som perfeito”*.

Mas aqui, nesta obra de unidade e de comunhão, com o que lateja, com o que incendeia, está o *“gérmen da pureza na fecunda autoridade do dia”*, a semente que germina, a voz sem som mas que se ouve, o fluxo da conjugação de formas de um *“coração clarividente”*.

Porque, como disse Huidobro, aquele que encorajava a encontrar o mar sob a sua sepultura, o Altazor do universo: *“Falo porque sou protesto, insulto e expressão de dor / Somente creio nos climas da paixão / Só devem falar os que têm o coração clarividente / A língua a alta frequência...”*.

Não sei se aqui em Portugal te conhecem, poeta, mas, como diz Felipe de Guevara, és uma das vozes mais belas e criativas da língua espanhola em todos os continentes, um poeta respeitado e respeitável, não apenas da Argentina, mas do espanhol. Alcántara conhece-te, não te viu, mas viveu-te, e por isso quero apresentar-te a sua obra, e contigo, a quem lerei estas linhas, que mais do que devoção são um presente, às vossas pessoas, à arte, à escultura, ao maravilhoso que o homem sabe fabricar com escassa frequência.

Uma vez mais, Antonio Prates arrisca-se pelo que é difícil, talvez porque o fácil, o habitual, tenha falta de interesse para os espíritos construtivos, temerários. O difícil, o que tem pouca utilidade mas que é necessário, a arte, a poesia, a partir de Lisboa, é uma prova de saúde mental, de olfacto, de inteligência, que nunca pára de crescer, que não desiste, e que no final se vê, se eleva sobre os demais, já de maneira irremediável, como qualquer *“gérmen de pureza”*.

Tomás Paredes